



CONTRATADOS DA FRENTE DE TRABALHO FAZEM FILA EM FRENTE À ADMINISTRAÇÃO DE TAGUATINGA PARA RECEBER CARTA DE DEMISSÃO E GANHAR UM LANCHE

De volta ao desemprego

Valéria Feitoza

Da equipe do **Correio**

O Governo do Distrito Federal conclui até o dia 15 o desligamento de 10 mil trabalhadores contratados em regime temporário para as Frentes de Trabalho e Qualificação da Secretaria de Trabalho. As demissões começaram em novembro passado e inclui os contratados entre junho de 1999 e agosto de 2000.

Ontem foi a vez de 788 trabalhadores da Administração Regional de Taguatinga. Ao chegar ao pátio da Administração Regional, na QNG, eles foram convocados para uma reunião com o administrador, Valdemar Aguiar. Logo souberam do que se tratava. “Vão botar a gente na rua”, diziam alguns.

De acordo com Maria Guilhermina Lima, funcionária da coordenação da frente de trabalho da Administração de Taguatinga, dos 858 contratados, somente 70 não serão demitidos agora. “Eles foram contratados após agosto de 2000 e o prazo do contrato temporário ainda não venceu”,

explica. Segundo Valdemar Aguiar, a partir do dia 10 será iniciado uma nova seleção para repor as vagas das frentes de trabalho. “A expectativa é que a Secretaria de Trabalho faça de 10 a 15 mil novas convocações”, prevê.

Os contratados da frente de trabalho não possuem vínculo empregatício com o GDF. Uma vez inscritos para cursos de capacitação profissional, os candidatos são selecionados e convocados para o programa Frentes de Trabalho e Qualificação.

Entre os trabalhadores dispensados pela Administração de Taguatinga, alguns tinham um ano e meio de contrato, embora o prazo máximo de vigência do termo de adesão seja de seis meses. “Tivemos problemas no ano passado e não pudemos dar os cursos de capacitação”, justifica Valdemar Aguiar. “Agora que eles concluíram, tivemos de dispensar”.

Os “problemas” citados por Valdemar Aguiar são as irregularidades verificadas com o Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), que custeava os cursos profissio-

nalizantes das Frentes de Trabalho. Por causa da denúncia com o FAT, o governo federal suspendeu o repasse de verbas. Em julho do ano passado, um ano após o lançamento do programa, menos de 10% dos convocados das Frentes de Trabalho tinham recebido treinamento.

INSATISFAÇÃO

O GDF que gastava R\$ 1,3 milhão por mês para sustentar os trabalhadores das frentes de trabalho, assinou em julho um convênio com o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) para dar treinamento ao trabalhadores do programa Frentes de Trabalho sem receber capacitação. A escolha do Senai pelo GDF deveu-se ao fato de que a instituição não estava entre as 71 entidades envolvidas no escândalo do FAT.

A reclamação mais comum entre os trabalhadores dispensados pela Administração de Taguatinga, no entanto, era sobre a qualidade do treinamento recebido e a falta de perspectiva de conseguir um novo emprego. Maria de Fátima

Alves, 35 anos, trabalhou como vigia do parque Saburo Onoyama. Ela fez não apenas um, mas dois cursos profissionalizantes: de auxiliar de escritório e auxiliar de creche. Fátima acha que não vai conseguir emprego. “Não sei o que vou fazer”, diz.

O administrador de Taguatinga, Valdemar Aguiar, admite que a capacitação recebida pelos trabalhadores não é suficiente para recolocá-las no mercado de trabalho. “Como é que você capacita uma pessoa de 65 anos? Como é que você recoloca no mercado uma pessoa analfabeta oferecendo um curso de dois meses?”, questiona.

O subsecretário de Solidariedade do GDF, Fernando Naves, diz que sua responsabilidade é somente selecionar e convocar os desempregados para o programa das frentes de trabalho. “O acompanhamento pedagógico dos cursos fica por conta da subsecretária de emprego e renda, Maria da Guia”, afirmou. Por meio de sua assessoria, a subsecretária informou que não poderia atender ao **Correio**.

Treinamento sem estímulo

O coordenador de cursos para o Senai, Delermundo Martins, afirma que a duração dos cursos oferecidos para os convocados da frente de trabalho é a mesma de qualquer treinamento da instituição: 100 horas/aula, o que significa de dois a três meses de aula. Segundo ele, o problema entre os trabalhadores das frentes de trabalho começou quando as administrações regionais anunciaram que, tão logo concluíssem os cursos, eles seriam demitidos.

“O rendimento nas salas de aula caiu muito, o desinteresse foi geral. As pessoas começaram a ficar preocupadas com o que fariam depois que saíssem da frente de trabalho e não aproveitaram bem os cursos”, revela. Para ele, isso pode justificar boa parte das reclamações dos demitidos. “Mas, no geral, a avaliação que eles fizeram para nós foi positiva”, afirma.

Maria da Conceição Pereira da Silva, 34 anos, concluiu o curso de porteira em dezembro, mas não tem a menor perspectiva de conseguir um emprego. “Na verdade, eles ensinam só o básico, às vezes nem isso”, afirma.

O Senai ofereceu oito cursos, entre eles salgadeiro, copeiro, porteiro, auxiliar de escritório e operador de micro.